

PARIS E OS POETAS

Viajei a Paris com o propósito de passar em frente aos endereços onde viveram Nerval, Baudelaire, Théophile Gautier e Lautréamont, bardos geniais que considero meus ídolos. Localizei, depois de ler suas biografias, alguns lugares onde viveram, há mais de 150 anos, aqueles visionários e tracei esse perfil geográfico e lírico de Paris. Na trilha de Nerval, visitei o idílico *jardin des Tuileries*, que o poeta andarilho cantou, no soneto em que narra um passeio com sua prima, num do domingo de inverno. Nerval escrevia em transe, delirante, enquanto deambulava pelos recantos da boemia de então. Morou no bairro da Pigalle, no número 22 da *rue Navarin*, onde dividiu apartamento com Théophile Gautier. É uma curta e pitoresca rua, entrecortada por duas outras que marcam o seu começo e seu fim, em apenas uma quadra, partiam Nerval e Gautier em direção a diversos locais, inspirados pelo *spleen* e o *ennui* dialogavam.

Charles Baudelaire era amigo do de Gautier, que o melhor amigo de Nerval. O autor de *Les Fleurs du Mal* chamava Gautier, afetuosamente, de “*le bon Théo*”. Dedicou sua obra-prima “ao Poeta impecável, perfeito mago das letras francesas, muito querido e venerado”.

Gautier morou na *place des Vosges*, de charmosos arcos e fachadas. Frequentou a casa de Victor Hugo. Foi apresentado por Nerval ao eminente poeta, no grande apartamento onde há hoje o museu do autor de *Les Contemplations*. Na ocasião, Nerval falava de seus estudos esotéricos, e suas idéias encontravam ressonância em Victor Hugo, que acreditava na verdade do espiritismo. Théophile Gautier mudou-se dali, em 1835, para o *impasse Doyenné*, no local onde existe hoje o pavilhão *Mollien*, do Louvre, do lado direito de quem entra na *Place du carroussel*, pelo *Jardin de Tuileries*. Ali instalou o seu pequeno atelier para se dedicar às artes plásticas. Nerval o acompanhou nessa peregrinação, em fase de prolífera

criatividade, quando vivia com os bolsos cheios de poemas, noctâmbulo impenitente. Foi esse o lugar onde Nerval permaneceu mais tempo, cerca de dois anos, de 1834 a 1836. (A lista não-exaustiva de residências do poeta consta de 24 domicílios). Em seus passeios vespertinos, percorria a grande aléia de *Tuileries*, mergulhado em devaneios, e ia contemplar o poente emoldurado no Arco da Estrela. Passava as noites no café *Divan*, na *rue le Peletier*, número 3, próximo ao *Opéra Comique*. (No local existe atualmente o grande edifício do BNP Paribas, entre o *boulevard Haussmann* e o *boulevard des Italiens*). Uma de suas diversões prediletas era frequentar o mercado dos pássaros e conversar com os papagaios. Dizia o poeta, cujo nome de batismo era Gérard Labrunie, que adotara o nome Nerval por ser descendente do imperador Nerva.

Nerval e Gautier foram colegas de infância no *collège Charlemagne*, escreveram textos a quatro mãos e viajaram à Bélgica, em 1836, antes de o poeta de *La Bohème galante* ser internado nos manicômios, o que começou, a partir de 1841, e durou 14 anos, entre intermitências de absoluta lucidez e momentos terrivelmente depressivos. Suas crises de delírio começaram certa noite de 1841, quando despojou-se das vestimentas e saiu nu pelas ruas de Paris, anunciando que viajaria ao Oriente. A polícia parisiense o internou na clínica do Dr. Blanche, no número 22 da *rue Norvins*, em *Montmartre*. Tão logo recuperou a saúde, confessou que perdera o pouco de poesia que se havia despertado em sua cabeça. “Eu falava em versos todos os dias e eram versos excelentes”, lamentava, embora sentisse certo alívio, depois da crise que ele definia como “uma febre quente, complicada dos médicos”. Em 1842, o poeta nômade se transfere para a *rue Saint-Hyacinthe-Saint Michel*, nr. 10 e, no ano seguinte, empreende viagem de um ano ao Egito, ao Líbano e à Turquia. Precisava redimir-se dos vexames que vivera durante a internação no manicômio. Embora fatigado, sentia-se em perfeito estado de saúde. No Egito, visitou as pirâmides, admirou a dança dos derviches, freqüentou a

biblioteca da Sociedade Egípcia e adquiriu uma escrava javanesa. No Líbano, conviveu com os maronitas e noivou com a filha de um sheik, mas, acometido de febre, desistiu de casar-se e embarcou para Constantinopla. Ali encontrou o pintor Camille Rogier, seu velho amigo dos tempos do *Impasse du Doyenné*, desfrutou das luzes grandiosas do Ramadan e dos cafés, fumando *narguilê*. O livro, objeto das observações que anotou nesses países, veio à lume com o título de *Voyage en Orient*, em 1851. Quando Gautier viajou, em 1845 para a Argélia, Gérard o substituiu na redação do folhetim de *La Presse*, nos meses de julho a setembro, escrevendo crônicas sobre teatro. Nerval não tardou a mudar de endereço, indo morar na *rue Saint Thomas-du-Louvre*, onde permaneceu até o final de 1850, tendo de abandonar o local, que foi demolido pelas autoridades públicas para construir-se o prolongamento da *rue Rivoli*. Nesse mesmo ano, em uma de suas incansáveis andanças, o poeta notívago caiu de uma escada em *Montmartre* e machucou o joelho e o peito. Os biógrafos atribuem esse acidente a que Nerval caminhava, em muitas ocasiões, em estado de embriaguês. Os amigos se admiravam da disciplina dissoluta e da genialidade do grande viajante e tradutor dos alemães imortais, que se intitulava o “tenebroso”, como no famoso poema “*El Desdichado*”. Em 1850, esteve na Alemanha onde conversou com Franz Liszt sobre o projeto de trabalharem numa ópera, em parceria.

Em janeiro de 1852, Nerval foi internado outra vez na *Maison Dubois*, na *rue Faubourg Saint-Denis*, nr. 111, por fadiga intensa, decorrente de suas divagações noturnas e da ingestão excessiva de álcool. Em fevereiro, sai do hospital e se instala na *rue du Mail*, nr 9. (Quando estive no local, percebi que o prédio foi reformado, tendo-se acrescentado outros andares à estrutura do primeiro andar). Depois desta segunda internação em clínica psiquiátrica, o poeta viaja à Holanda e à Bélgica. Ao regressar, foi internado na clínica de *Passy, rue de Seine*, hoje *rue de Ancara*, em estado de “delírio furioso”, no dizer

do Dr. Blanche. Nerval se auto-diagnostics, afirmando que tivera uma “bizarra exaltação nervosa”. No prefácio de *Les Filles du Feu*, dedicado a Alexandre Dumas, diz ele já não mais estar “montado no hipogrifo”, referindo-se a seus assédios de delírio. Contudo, escreve coisas exóticas; narrativas cujos personagens são loucos. O famoso *Aurélia* é uma história de alucinações e de amor místico por sua musa Jenny Colon, atriz e cantora lírica, morta precocemente. Nessa obra, o poeta confessa que pensou em matar-se em plena *place de La Concorde*, numa noite em que viu as estrelas se extinguirem como as velas de uma igreja, e o sol negro do Apocalipse surgir como um globo sanguíneo sobre *Tuilleries*.

Enquanto Nerval entrava em vertiginosa decadência, emergia Baudelaire ao mundo das letras, depois de abandonar o curso de Direito para dedicar-se exclusivamente à vida literária. Por falta de vocação pragmática e tendência irrefreável à extravagância, contraiu tantas dívidas, que o seu padrasto, para ver-se livre do enteado indesejado, arranhou-lhe uma viagem, com destino a Calcutá. Os custos foram descontados da herança que o seu pai legítimo lhe legara e que ele só receberia na totalidade quando chegasse à maioridade. A aventura terminou nas Ilhas Maurício, de onde, depois da experiência de quase naufrágio, Baudelaire decidiu regressar à França. Nesse trajeto, escreveu, entre outros poemas, o famoso *L'albatros*, em que compara o poeta à grande ave que, em seu vôo, enfrenta a tempestade, mas mal consegue andar, por causa de suas enormes asas. Durante a viagem, chegou a brigar de murros e pontapés com o marujo que maltratou perversamente o albatroz capturado pela tripulação do barco.

Em 1842, quando Baudelaire chega à maioridade, herda os bens deixados pelo pai legítimo e aluga apartamento na Ilha *Saint-Louis*, o lugar mais elegante de Paris, no *quai de Béthune*, nr 10, (local que foi completamente reconstruído). Em seguida, mudou-se para um apartamento térreo do famoso hotel *Pimodam*, hoje

denominado *hotel de Lausun*, no *quai d'Anjou*, nr. 17, com janela para o Sena, a poucas quadras do endereço anterior. Ali conheceu Théophile Gautier, e com ele, Nerval, Balzac e outros, freqüentou o *Club des Haschichins*. Ao passar, de noite, em frente àquele antigo hotel, de vistosa fachada, constatei que só havia uma lâmpada acesa numa das janelas do térreo, estando os demais andares em total escuridão.

Baudelaire, pródigo e caprichoso no gosto estético, colecionava obras de arte e comprava muitos bens de alto valor pecuniário. Foi dissipando a fortuna herdada com tantas aquisições, que a família constituiu um conselho judicial para tutelar-lhe os recursos, o que lhe equivalia um regresso à menoridade. Nesse período apaixonara-se pela mulata haitiana Jeanne Duval, que a família rejeitava. O salário que o curador lhe dava era de apenas 200 francos mensais, valor insuficiente para a vida de poeta boêmio, comprador de roupas, móveis e obras de arte de alto custo.

Baudelaire imergia nas noites, cruzando as pontes, em direção aos cafés de *Chatelêt* e outros lugares de encontro com os amigos pintores e poetas, com os quais consumia elixires que lhe ajudassem a não sentir o fardo do Tempo. O seu talento genial, com o dom de conceber metáforas e sinestésias surpreendentes, começava a mostrar-se, despertando admiração e inveja. Já se havia mudado para rua *Le Regrattier*, número 6, com sua musa crioula, quando, angustiado pela pressão dos credores, enfermo de sífilis e deplorando o relacionamento com o padrasto, tentou matar-se com uma facada nos peitos. O ferimento foi leve, mas o poeta desmaiou e foi socorrido por Jeanne Duval. Para ela escreveu o magnífico poema *Les Bijoux*, de belas metáforas. Em fevereiro de 1848, quando a insurreição derrubou o regime de Luis Felipe de Orleans, Baudelaire foi visto entre as trincheiras, a favor da República. Dizem que pedia a gritos o fuzilamento do seu padrasto: “Il faut aller fusiller le general Aupick”. Quando o sobrinho de Napoleão deu o golpe de Estado em 1851, Victor Hugo teve que exilar-se, fugindo dos esbirros do

regime. Baudelaire, porém, desafiou a ditadura, andando pelas ruas entre as descargas dos fuzis. Mas quando o plebiscito legitimou o regime autoritário, decepcionou-se tanto, que decidiu viver permanentemente “despolitizado”.

O poeta das “Flores do Mal” viveu, de 1852 a 1854, na *rue de Pigalle*, 60. O edifício, de três pisos e cobertura, com quatro janelas em cada andar, está localizado a uma quadra do metrô. Quando tomou conhecimento da morte de Nerval, em 1855, Baudelaire lamentou a ausência daquele “espírito inteligente e lúcido”. Mostrou-se perplexo, ao referir-se à profunda melancolia do amigo, curável somente com o suicídio. E defendeu o direito humano de renunciar à vida. No poema *Voyage a Cythère*, dedicado a Gérard de Nerval, diz num verso: “ridículo enforcado, tuas dores são as minhas”. Cythère é a ilha de Vênus, deusa predileta de Nerval. O tema foi inspirado num trecho de *Voyage em Orient*, de Nerval, que diz haver avistado na “ilha das pedras de pórfito”, um enforcado, cujo corpo era devorado por abutres.

Deambular em Paris pode ser uma forma de estudar literatura. Nesse sentido, tentei encontrar o local onde, em fatídica noite de janeiro de 1855, o poeta Nerval enforcou-se num poste da *rue de La Vielle-Lanterne*, depois de escrever bilhete à sua tia, para que não o esperasse, pois a noite seria “noire et blanche”. Quando Gautier publicou o perfil biográfico de Nerval, doze anos depois do trágico episódio, a triste ruela da velha lanterna já não existia, fato que para Théophile Gautier constituía um alívio, pois chorava sempre, ao passar em frente ao macabro lugar. Hoje, no exato local do suicídio de Nerval, encontra-se o *Theâtre de la Ville*. Matando-se aos 47 anos de idade, Nerval deixou extraordinário legado literário, que nunca se interrompeu nem mesmo em suas crises psiquiátricas. Teve, segundo ele próprio, certa vocação para a diplomacia, razão porque dizia de si mesmo: “sou quase um diplomata. Sei falar com as autoridades”. Seu pai, o Dr. Labrunie, queria fazer dele um médico. Ajudava-o com algum dinheiro, e se preocupava com o filho que, em sua

compreensão, andava em má companhia. O amigo Eugene Stader, generoso e conhecedor do seu talento, arranjava-lhe subvenções do Ministério da Instrução Pública para custear-lhe as viagens. Em janeiro de 1855, uma semana antes de sua morte, Nerval encontrou Gautier na redação da *Revue de Paris*. Ao vê-lo mal abrigado, Gautier ofereceu-lhe um paletó e ele agradeceu, dizendo: “duas camisas me bastam, e o frio é tônico... Os lapões nunca ficam doentes”.

No livro que escreveu depois da morte de Nerval, Gautier relata que eles escreveram juntos peça de teatro intitulada *La Dame de Carouge*, que Nerval perdeu em suas divagações boêmias. Recordou-lhe as andanças, com os bolsos sempre cheios de manuscritos, que reescrevia em mesas de bares e cafés. Elogiou-lhe a bondade, as maneiras polidas e a linguagem reservada. Comentou as lembranças do *Impasse du Doyenné*, onde havia a velha casa da qual avistava uma igreja em ruínas, cujo resto de cúpula fazia belo efeito sob o plenilúnio. Atestava que Nerval, embora de perturbado equilíbrio mental, tinha as faculdades intelectuais intactas. Lembrou do dia em que, na casa de Hugo, Nerval dissertou, de forma imparcial, sobre os paraísos e infernos de diversos cultos, o que despertou em alguém a pergunta sobre se ele mesmo não tinha religião. E a resposta foi que ele tinha, pelo menos, dezessete.

A partir de 1857, Baudelaire instalou-se no *hôtel du Maroc*, no número 35 da *rue du Senne*. Sua vida em Paris torna-se cada vez mais complicada. Recrudescem as perseguições dos credores. Os censores consideram o livro *Les fleurs du mal* atentatório à moral e aos bons costumes, e lhe impõem multa de 300 francos, com a proibição de alguns poemas. Quando *Les fleurs du mal* foi objeto de processo judicial, pediu ajuda a Saint-Beuve, que saiu pela tangente, e a Flaubert, que lhe manifestou solidariedade e elogiou a originalidade e o romantismo renovado do livro. Hugo também lhe foi solidário, afirmando: “vossas flores do mal brilham como estrelas”. Depois de uma temporada em

Honfleur, Baudelaire regressa à capital, indo morar no *Hotel de Dieppe*, no número 22 da *rue d'Amsterdam*. Em minha segunda viagem a Paris, verifiquei que o lugar ainda existe com o mesmo nome, embora sem qualquer indicação da passagem do poeta por ali. Trata-se de um prédio de cinco andares, de aspecto antigo, com fachada de relevos e varandas com grades nas janelas.

Baudelaire foi residir com Jeanne Duval na *rue Beautrellis*, nr 22, no período em que editou o livro *Theophile Gautier*, para o qual pediu prefácio a Victor Hugo, que lhe enviou generosa resposta, afirmando que ele havia “dotado o céu da arte de um raio macabro”. Chamou-o de nobre espírito, e elogiou também Gautier, terminado a carta com um afetuoso “dê-me sua mão”.

Baudelaire queixava-se à sua mãe do comportamento de Jeanne Duval, sem cultura e teimosa, com sua mania de criar cachorros, quando que ele adorava gatos. Por fim, separou-se da haitiana, que ficou hemiplégica. Mas não deixou de ajudá-la, levando-lhe sempre uma parte dos seus escassos recursos financeiros. Dirigia sua atenção a outras musas, como a Mme. Sabatier, também conhecida por Apollonie e apelidada por Gautier de “la Presidente”, a quem dedicava poemas eróticos e os enviava, anônimos. Numa carta apaixonada, chamou-a de “a mais preciosa das superstições”. Interessou-se também pela atriz Marie Daubun, cuja simpatia já estava direcionada a Théodore de Banville, e não lhe restou mais que o ciúme. Para Marie Daubun escreveu poemas como *Chant d'automne*, de melancólicas ressonâncias, que começa com o verso: “J'aime de vos yeux longs la lumière verdâtre” e *Le Beau Navire*, magnífico hino à beleza feminina, pleno de luminosas imagens, marítimas e sensuais, e que começa com “je veux te raconter, ô molle enchanteresse,/ les diverses beautés qui parent ta jeunesse”.

Para compensar tantas provações, em vão o poeta se candidatou, à Academia Francesa, tendo visitado os acadêmicos, que o receberam friamente, com exceção de Lamartine, Vigny, Flaubert e Saint-Beuve. Este último, que

foi o mentor de sua candidatura, aconselhou-o a desistir, já que os acadêmicos não admitiriam um poeta maldito entre seus pares.

Em seu livro sobre Baudelaire, Gautier compara o amigo a um “gato voluptuoso, de maneiras aveludadas e de olhar sem perfídia” (ao contrário da cara sisuda, de olhar feroz, que transmite a foto de Étienne Carjat). Comenta o seu gosto do luxo bizarro e da elegância misteriosa. Elogia os rebuscamentos e as tonalidades selvagens de “As Flores do Mal”, destacando sua capacidade de denunciar os aspectos sórdidos da vida, cantando os cabarés, onde bêbedos brigam a facadas por alguma Helena de esquina. Mas ninguém sentia como ele arroubos de beatitude, êxtases e volúpias de perfumes inebriantes.

Baudelaire fez conferências em Bruxelas, em 1864, sobre Delacroix, Gautier e Thomas de Quincey. A platéia foi mínima, e ele se enfureceu com os belgas e passou a abominar a Bélgica. De volta a Paris, hospeda-se na casa de Catulle Mendès, na *rue Douai*, número 65. Mendès testemunha que, quando pernoitou em seu apartamento, Baudelaire disse-lhe que escreveria um poema hindu, no qual expressaria toda a melancolia luminosa do sol e repetiu, diversas vezes, que Nerval nunca esteve louco, embora se tivesse enforcado. Pediu-lhe que dissesse a todo mundo que assim havia acontecido e soluçou. Quando a doença o dominou completamente, Baudelaire foi internado na clínica do Dr. Émile Duval, na *rue du Dôme*, próximo ao Arco do Triunfo. Padeceu acessos de febres, convulsões, transtornos mentais e dificuldade de articular as palavras, até a morte por afasia, no dia 31 de agosto de 1867.

Dois anos antes da morte de Baudelaire, chega a Paris para estudar na *École Polytechnique*, o jovem uruguaio Isidore Ducasse. O pai, Cônsul francês em Montevideú, mandava-lhe dinheiro através do banqueiro Darrase para que ele pagasse os estudos, a alimentação e a moradia no hotel de *l'Union des Nations*, na *rue Notre-Dame des Victoires*, nr. 23, no *quartier de la Bourse*.

Constatai que a numeração da rua é caótica, saltando números, mas encontrei o edifício que fica no encontro da citada rua com a *rue de Montmartre* e a *rue Saint Marc*. O local parece haver sido reformado, pois tem a fachada sem ornamentos, diferentemente dos prédios vizinhos, que têm molduras com frisos ao redor das janelas, estilo de decoração que parece mais antigo e mais característico do século XIX.

Isidore Ducasse publicou, em 1868, vinte exemplares do Canto Primeiro do espantoso *Maldoror*, que lhe valeu o merecido epíteto de discípulo de Baudelaire e o efusivo elogio de Victor Hugo. Depois do seu primeiro endereço parisiense, Lautréamont mudou-se diversas vezes para lugares próximos uns dos outros, no mesmo *quartier*. Em fevereiro de 1870, estabeleceu-se no *faubourg Montmartre*, 32 (edifício de 5 andares, com balcão e grades no segundo, quase na esquina com a *rue Richer*, em frente à *Passage Verdeau*). Um mês depois, foi morar na *rue Vivienne*, nr. 15, e, finalmente, no *faubourg Montmartre* nr.7, seu último domicílio. Frequentou os prostíbulos que havia nas imediações, o *café des Varietés*, na esquina da *passage des Panoramas*, e o *café Vernón*, entre a *Vivienne* e a *passage des Panoramas*. No mesmo bairro encontrou os seus editores, dois cidadãos belgas que possuíam grande livraria na *rue Vivienne*.

É de supor que Isidore Ducasse passeava, ébrio de beladona, pela *rue Vivienne*, em direção *Palais Royal*. O seu sinistro personagem Maldoror, avistou, nas proximidades da Biblioteca Nacional, Mervyn, o filho da loura Inglaterra. Na ponte *du Carroussel*, o colocou dentro de sua bolsa que foi golpeada no parapeito da ponte. O corpo de Marvyn foi lançado pelo espaço, da *place de Vendôme*, e caiu sobre a cúpula do *Panthéon*.

Depois de escrever os seis cantos que narram as peripécias macabras de Maldoror, Lautréamont renega a verve blasfematória e violenta, e escreve fragmentados poemas em prosa, sob o título de *Poésies*, afirmando que

mudara de temática, trocando a maldade pelo bem, o ceticismo pela fé e o orgulho pela modéstia.

Foi na *rue du faubourg Montmartre*, nr. 7 que o encontraram morto, presumivelmente de *overdose* de beladona, no dia 24 de novembro de 1870, aos 24 anos de idade. Seu corpo foi conduzido ao cemitério de Montmartre e o féretro passou pela igreja de Nôtre-Dâme-de-Lorette. Há controvérsias quanto à causa *mortis* de Lautréamont. Se de dose letal de beladona, febre tifóide ou assassinato por razões políticas, às vésperas da queda do Império de Napoleão III.

No pátio interno do edifício que foi o seu derradeiro domicílio, há atualmente o restaurante Chartier. O prédio tem relevo de belas varandas gradeadas. Divisei, do lado esquerdo do citado pátio, a velha escada que lhe acolheu os passos taciturnos. Na parede, ao lado da escada, há uma pequena placa com o seguinte texto: “Qui ouvre la porta de ma chambre funeraire? J’avais dit que personne n’entrât. Qui que vous soyez, éloignez-vous”.

Resolvi aprofundar a pesquisa e busquei também as casas onde moraram outros grandes poetas, que se reuniam, entre os anos 1864 e 1866, na casa de Leconte de Lile, no *boulevard des Invalides*, nr. 8, na de Catulle Mendes, *rue de Douai*, 65, ou na de Banville, *rue de Condé*, 26. Destas reuniões participaram Verlaine e Mallarmé. Paul Verlaine, desde 1866, ano da morte de seu pai, morava com sua mãe na *rue Lécluse*, em *Batingnolles*, e começou a freqüentar as reuniões dos parnasianos, no citado apartamento de Catulle Mendes, situado no nono *arrondissement*, próximo aos cabarés da Pigalle e à Place de Clichy. Fui ao local e avistei a fachada antiga do prédio de cinco andares, com varandas no segundo piso. Tudo leva a crer que o imóvel não sofreu reforma externa que lhe mudasse significativamente o aspecto. Quanto à residência de Theodore de Banville, *rue de Condé*, nr. 26, trata-se de um edifício de aspecto antigo, de quatro pisos e largo portal em arco. Pela citada rua, que passa ao largo da *Place de l’Odéon*, chega-se rapidamente ao *Jardin de Luxembourg*.

O ano de 1866 foi importante para Verlaine, do ponto de vista literário, pois consolidou a sua participação na revista *Parnasse Contemporain*, mediante a publicação, entre outros, dos melodiosos poemas “Rêve Familier” e “Marine”. A repercussão foi boa. Embora Barbey d’Aurevilly o tenha chamado de “Baudelaire puritano”, Stéphane Mallarmé, recém nomeado professor de inglês em Besançon, escreveu elogioso artigo sobre os poemas de Verlaine, encômios que reitera, após a publicação de *Poèmes saturniens*, livro também louvado pelo Mestre Victor Hugo. Paul Verlaine escreveu a Victor Hugo, em 1867, e o visitou em Bruxelas, tendo-se emocionado, quando o famoso poeta, de sessenta e cinco anos, recitou-lhe alguns versos do seu livro.

Verlaine era um tipo de sensibilidade à flor da pele, o que hoje os terapeutas chamam de paciente bipolar. Essa suscetibilidade temperamental se exacerbava com o consumo de absinto. Deprimiu-se e bebeu descomunais doses daquela substância etílica, depois de comparecer ao enterro de Baudelaire, no dia 31 de agosto de 1867, no cemitério de Montparnasse. Na ocasião, sentiu a ausência de Théophile Gautier, que se encontrava em Genebra. Mas encontrou Banville e Edouard Manet nas exéquias do amigo.

Além de freqüentar os bares do *Quartier latin*, onde bebia absinto, Verlaine costumava passear pelos *Jardin du Luxembourg*, onde escreveu alguns dos poemas do livro *Fêtes galantes*. Contemplava, extasiado, “*les grands jets d’eau sveltes parmi les marbres*”. A boa acolhida de Banville e Hugo à citada obra proporcionou-lhe alegrias, no ano de 1869.

O jovem provinciano Arthur Rimbaud, de 18 anos, que em Charleville, sua cidade natal, impressionava os professores da escola com primorosos poemas, escreveu a Verlaine carta em que enviou-lhe poemas e pediu-lhe apoio para estabelecer-se em Paris, onde poderia ter acesso a seus ídolos. Considerava Verlaine o único poeta comparável a Baudelaire. O autor de *Fêtes galantes* ficou

encantado com as ressonâncias líricas daquele contemplador da noite, que dizia ter albergue na Grande Ursa e escutar as estrelas, sentindo a brisa de setembro como um vinho de vigor. Verlaine responde-lhe afetuosamente e termina a carta dizendo: “venha, grande alma querida”. Esperou-o na *gare de Strasbourg*, mas o encontro só aconteceu em sua casa, isto é, na casa de seus sogros, *rue Nicolet*, nr. 14, porque se desencontraram na estação de trem. Tive a grata alegria de ver aquela pequena rua de duas quadras, ascendente em direção à Basílica de *Sacré Coeur*, igreja que só foi construída alguns anos depois que Verlaine ali residiu. No muro, do lado esquerdo do portão que dá para o pátio externo, há placa indicativa de que o poeta viveu no segundo andar do edifício. Ali Rimbaud foi recebido por Mathilde, a mulher de Verlaine, que estava grávida de oito meses. O jovem poeta do cabelo espetado e aspecto negligente era o que se denomina hoje um “hippie”, ou seja, um marginal. Não gostava de tomar banho e tinha o cabelo cheio de piolhos. O talento e a beleza de seus sedutores olhos azuis, bem como o seu caráter rebelde e anarquista, despertaram em Verlaine o maior interesse, embora Mathilde e seus pais estivessem chocados com suas maneiras selvagens. Entusiasmado pela irresponsabilidade do discípulo belo e libertino, Verlaine bebeu com ele ardentes taças de absinto, numa relação de intimidade e mútua admiração, que chegou ao extremo dos amores sodômicos.

Dada a proximidade do parto de Mathilde, o pupilo de Verlaine foi convidado pelos pais de sua esposa a retirar-se de sua casa. Theodore de Banville alugou um quarto em sua casa, na *rue de Buci*, número 10 para acolher o seu novo amigo, jovem poeta genial, “*très beau d’une beauté paysanne et rusée*”. Ao passar pelo local, admirei as fachadas dos prédios daquela estreita rua, situada num espaço urbano assimétrico e repleta de restaurantes, *creperies* e lojas de *souvenirs* para turistas.

Rimbaud logo criou um caso, aparecendo nu na janela do apartamento, deixando a vizinhança perturbada.

Em minha terceira viagem a Paris, verifiquei que o prédio tem cinco andares e está atualmente decorado com jarros de flores nas grades das janelas de vidro. Ao entrar no pátio interno do conjunto de apartamentos, percebi que as janelas ficam de frente umas para as outras, a pequena distância, o que torna a privacidade dos vizinhos bastante vulnerável.

Rejeitado por Banville, o jovem marginal peregrina sem paradeiro fixo, com bagagem mínima, pelo *Quartier latin*. Hospeda-se primeiro nas dependências do *Cercle zutique*, situado num prédio estreito, de quatro andares, que forma um triângulo em que de um lado está a *rue des Écoles*, do outro a *rue Racine* e, em frente, o *boulevard Saint Michel*. Ali costumava reunir-se uma confraria de poetas. Arthur Rimbaud dormia no sofá, a troco de lavar os pratos e servir aos clientes. No local existe, atualmente, o Hôtel Belloy Saint-Germain.

Em dezembro de 1871, Verlaine alugou para Rimbaud apartamento na *rue Campagne-Première*, na esquina com o *boulevard d'Enfer*, hoje denominado *boulevard Raspail*, próximo ao cemitério de Montparnasse. Estive no local e vi uma vila de pequenos prédios, num corredor chamado *passage de l'Enfer*, pelo qual se pode passar da *rue Campagne Première* ao *boulevard Raspail*.

Verlaine não tardou a abandonar a família para peregrinar com Rimbaud em aventura boêmia, percorrendo as noites dissolutas de Paris. Vagabundos e quase mendigos, deambulavam pelos recantos pitorescos e libertinos da cidade. Gostavam, especialmente, dos bares da *rue de l'Abreuvoir*, assim chamada por haver existido ali um antigo bebedouro de animais. Verlaine, que desde a invasão de Paris pelos soldados prussianos, em 1871, já não freqüentava regularmente o trabalho, abandonou o emprego no *Hôtel de Ville*. Vivia às custas de sua mãe, a Sra. Stephanie Verlaine. Quando se embriagava, tornava-se violento. Pedia dinheiro à Sra. Stephanie, e se o seu pedido não fosse imediatamente atendido, adotava conduta agressiva e perigosa. Certa ocasião, depois de uma farra,

chegou à casa de sua mãe e rompeu os vidros onde ela guardava os fetos natimortos de seus irmãozinhos falhados. Foi ficando cada vez mais neurótico, ao ponto de, numa discussão, espancar Mathilde e lançar contra a parede o pequeno Georges, de três meses, que teve a sorte de não se machucar muito, porque seus pés impactaram contra o obstáculo sólido.

Quando tomou conhecimento do nascimento do filho de Verlaine e Mathilde, Rimbaud disse ao amigo que considerava a paternidade uma banalidade burguesa, e que o poeta deveria viver sem esse tipo de apego, imerso permanentemente no desregramento dos sentidos, já que nascera com a missão de criar e não de procriar. E deveria expressar sempre irreverência e rebeldia. Com tal convicção, num recital, durante um dos famosos jantares dos auto-intitulados “*vilains bonshommes*, na esquina da *rue Bonaparte* e *rue du Vieux-Colombier*, debochou dos versos do poeta Auguste Creissels, interrompendo cada estrofe do poema lido com a palavra “*merde*”. A invectiva provocou tumulto e Étienne Carjat o expulsou do recinto à força. No final do evento, Rimbaud reapareceu no local e investiu contra Carjat com um bastão-espada e o feriu na mão e na virilha. A duras penas, Verlaine conseguiu desarmá-lo, e ele correu, desaparecendo na noite. A reputação de Verlaine estava abalada nos meios intelectuais, porque ele acolhera aquele garoto maluco que provocava confusão em toda parte. O local onde havia os jantares dos “*vilans bonshommes*” fica em frente à velha igreja de *Saint-Supplice*. Tem vistosa fachada, de janelas com persianas brancas de madeira, antigas e desbotadas. Uma placa no frontispício do prédio, colocada pelos “Amis de Rimbaud”, declara que o poeta lançou ali, em 1871, o poema *Le bateau Ivre*.

Quando Rimbaud regressa a Charleville, sua cidade natal, Verlaine escreve-lhe, perguntando quando empreenderiam o “caminho da cruz”. Rimbaud, contrariando a mãe, que queria que ele estudasse mais e trabalhasse, volta a Paris em junho de 1872 e se hospeda

no hotel de *Cluny*, na *rue Victor-Cousin*, nr. 8, na esquina da *place de la Sorbonne*. Há placa indicativa de que ele ali esteve hospedado. Segundo o atendente do hotel, a quem indaguei, foi a *chambre* 62 a que o poeta ocupou.

Verlaine, cada vez mais inveterado no alcoolismo, e mais agressivo, quando embriagado, sai da casa dos sogros, deixando mulher e filho, sem prévio aviso, em julho de 1872, com destino à Bélgica, na companhia de Rimbaud. Em Arras, os dois poetas foram presos, porque falavam, na cantina da estação, em tom de zombaria, de supostos crimes que haviam cometido. O cantineiro, inopinadamente, chamou a polícia e eles tiveram árduo trabalho para convencer o magistrado de que tudo se tratava de uma brincadeira. Quando o pai de Mathilde entra com ação de separação em tribunal parisiense, Verlaine, escreve à esposa, implorando a reconciliação. Ela vai à capital belga e o casal se reconcilia, mas logo o poeta fugiria de sua mulher, quando já havia embarcado no trem, de volta a Paris. De súbito, ele desce vagão. Sua sogra, Mauté de Fleurville, chama-o, para que ele suba outra vez ao vagão, mas ele gira a cabeça, negativamente, enquanto o trem parte. Foi a última vez que Verlaine viu a esposa.

Verlaine oscilava entre a tentação de aprofundar a aventura irresponsável com Rimbaud e o remorso de haver abandonado a vida conjugal. Os dois poetas viajaram a Londres e ali discutiram e se separam para reencontrar-se depois em Bruxelas. O efeito da vida nômade e boêmia sobre o espírito de Verlaine era desestabilizador. Quando o sogro reintroduziu a demanda judicial de separação, o poeta enviou cartas a Mathilde e a diversos amigos, ameaçando suicidar-se.

Em Bruxelas, num dos seus muitos momentos de crise, os poetas discutem e proferem mútuos insultos, porque Rimbaud resolve regressar a Paris e romper a relação entre os dois. Verlaine, que havia comprado um revólver para matar-se, dispara três tiros sobre o amigo, um dos quais atinge-lhe o pulso direito. Depois de socorrido e feito o curativo, Rimbaud continua decidido a partir.

Verlaine ameaça matá-lo e depois matar-se, e põe a mão no bolso para sacar a arma. Amedrontado, Rimbaud corre e o denuncia à polícia. Depois de extraída a bala, Rimbaud regressa a Paris, com dinheiro que lhe dera a mãe de Verlaine, presente a todo o transe. Julgado e condenado a dois anos de prisão. O poeta saturnino cumpre pena, resignadamente, de agosto de 1873 a janeiro de 1875. Ao sair da cadeia, traga a duras penas a separação de Mathilde, pronunciada pelo *tribunal de la Seine*. Apregoa aos amigos a sua conversão ao catolicismo. De fato, escreveu belos poemas místicos, enquanto esteve recluso: “O mon Dieu, vous m’avez blessé d’amour/et la blessure est encore vibrante”, começa uma de suas estrofes, que termina com uma declaração de entrega devota: “vous connaissez tout cela, tout cela./Et que je suis plus pauvre que personne,/mais ce que j’ai, mon Dieu, je vous le donne”. Forja um reencontro com Rimbaud e tenta convertê-lo à religião cristã. O amigo debocha de sua boa fé, chamando-o de “Loyola”. Depois de uma bebedeira, Verlaine perde as estribeiras e tenta seduzir outra vez Rimbaud que, desta feita, não quis nada com ele, dando-lhe um murro certo que o fez cair ao solo.

Os dois poetas tomam rumos diferentes. Verlaine arranja emprego de professor de francês em Stickney, na Inglaterra, onde permanece de março de 1875 a janeiro de 1877. De regresso à França, dá aulas no colégio jesuíta Nôtre-Dame de Rethel, em Ardennes. Em 1878, foi a Paris e reviu o filho, mas frustrou-se com a ausência de Mathilde, pois queria aproveitar a ocasião para reatar o casamento. Por outro lado, apaixonou-se pelo seu ex-aluno Lucien Letinois e, em 1880, comprou, com dinheiro de sua mãe, uma fazenda em Juniville, a 17 quilômetros de Coulommès, para que a família de Lucien a cultivasse. Nesse mesmo ano, publicou o livro *Sagesse*, que contém os poemas religiosos escritos na prisão. O negócio da fazenda fracassa e Lucien acaba morrendo de febre tifóide.

Rimbaud, por sua vez, meteu-se nas mais estapafúrdias aventuras, tendo viajado a diversos países

européus, caminhando grandes distâncias a pé. Entre 1874 e 1876 esteve na Alemanha, na Áustria e na Holanda. Alistou-se no exército de mercenários holandês e viajou para a Sumatra. Regressou à França e tornou a viajar, desta feita, para Alexandria e, em seguida, para o Chipre, onde foi vigilante de obras da empresa *Ernest Jean & Thial*. Em 1880 foi para Aden e, depois, para a Somália, tendo viajado vinte dias a cavalo, pelo deserto, até Harar, onde estabeleceu-se como traficante de armas. Passou onze anos entre a Somália e o Yêmen, exposto ao clima atroz e à crueldade dos bandoleiros. Caminhava a pé, de vinte a quarenta quilômetros diariamente. Adoeceu de sífilis. O que ganhava, após as difíceis negociações com o monarca abissínio, não lhe permitia regressar à França. Ao cabo de tais perigosas aventuras, sentiu fortes dores no joelho direito. O médico recomendou-lhe regressar a seu país para tratamento em Marselha. A doença era um tumor cancerígeno.

Em 1882, com 38 anos, Verlaine aluga apartamento na rua *La Roquette*, 17, onde mora com a mãe. De julho a setembro de 1883, muda-se para Malval, quando a Sra. Stephanie Verlaine comprou ali uma casa da família Létinois. Foi preso outra vez, depois de exhibir um punhal para a própria mãe, numa de suas violentas alterações de humor. Permaneceu um mês no cárcere. Liberado, passou a viver no *hôtel du Midi*, 6, *cour Saint-François*, próximo à *Bastille*. Sua fama foi-se propagando celeremente, tendo ele contribuído para a divulgação da poesia de Stéphane Mallarmé, Tristán Corbière e Arthur Rimbaud, no famoso ensaio intitulado “Poetas Malditos”. Freqüentou, a partir de 1884, o apartamento de Mallarmé, onde se encontrava, todas as terças-feiras à noite, na *rue de Rome*, com o anfitrião e outros amigos, entre os quais Paul Valéry e André Gide.

Em 1885, ano da morte de Victor Hugo, Verlaine adoece de artrite aguda no joelho direito, ao ponto de não haver podido assistir ao enterro da própria mãe. Hospedou-se em pardieiros e, desde então, hospitaliza-se diversas

vezes para tratar da perna ulcerada e do joelho inflamado. “Vivo no hospital como um beneditino”, dirá, então. Em 1887, apaixonou-se pela prostituta Philomène Boudin, que lhe roubava o pouco dinheiro que ganhava dos editores. Conhece Eugénie Krantz e se amanceba também com ela, oscilando entre os braços das duas musas, em períodos alternados, mudando-se para diversos endereços, de forma itinerante. Desfruta da amizade de Edmond Lepelletier, seu confidente de toda a vida e do artista plástico Frédéric-Auguste Cazals, por quem nutriu, a exemplo de Lucien Létynois, obsessivo amor platônico. Em 1889 fez tratamento de águas medicinais em Aix-les-Bain.

Quando Rimbaud regressou a Marseille, em 1891, com terríveis dores no joelho, os médicos amputaram-lhe a perna direita. Durante o mês de convalescência, foi assistido por sua irmã Isabelle. Tentou regressar a Harar, mas a doença só lhe permitiu chegar a Paris e voltar a Marselha para logo morrer. Ao tomar conhecimento da morte do amigo, Verlaine sentiu uma convulsão de angústia. Disse que revia todas as noites aquele rapaz dotado de uma “sedução demoníaca”. Mas sobreviveu ao impacto. Seguiu morando em diferentes endereços, quase todos no *quartier Latin*. Apesar de viver em precárias condições de conforto e salubridade, seu nome era recordado por intelectuais de outros países, que o convidavam para proferir palestras. Assim, de 1882 a 1884, viajou à Haia, a Bruxelas, e a Londres e nas três cidades leu poemas e falou dos denominados “poetas malditos” de Paris. Ao regressar de Londres, aos 50 anos de idade, foi morar com Eugénie Krantz, na *rue Saint Jacques*, nr. 187, no quinto andar.

Quando estive em Paris pela terceira vez, localizei aquele edifício de cinco andares, com grande portal verde, ostentando uma janela em arco. A rua se alarga do lado esquerdo, a partir daquele edifício, na altura da esquina com a *rue Pierre et Marie Curie*. Enquanto eu observava o local e tomava nota do que via, três cidadãos aproximaram-se e me perguntaram se o que eu escrevia era poesia ou

prosa. Disse-lhes que estava escrevendo sobre os lugares onde viveram alguns poetas franceses, e que ali mesmo havia morado Verlaine. Um dos rapazes sorriu e exclamou: “ah, o poeta bebedor de absinto!” E seguiu caminhando.

Depois do endereço acima referido, Verlaine mudou-se para a *rue Cardinal Lemoine*, nr. 48. Reclamava de ter que subir e descer a ladeira que começa no número 20 daquela rua, com a perna rígida e o joelho inflamado e dolorido. Pouco tempo depois, foi morar com Eugénie Krantz na *rue Saint-Victor*, nr. 16. Mudou-se dali, quando se separou dessa musa para reatar o romance com Philomène Boudin, com quem foi morar na *rue Vaugirad*, nr. 4, no *hôtel Lisbonne*. Eugénie, despeitada com o desprezo sofrido, confiscou-lhe os bens e os manuscritos. Destruiu alguns originais e promoveu escândalos, em lugares públicos por onde passava o poeta saturnino.

Quanto mais festejado por Zola, Leconte de Lisle, Mallarmé, Catulle Mendès e outros, mais Verlaine sofria com a perna cheia de abscessos e temia ter o mesmo destino de Rimbaud. Os amigos recitavam-lhe os versos no *Café du Palais*, na *place Saint-Michel* e os jovens poetas queiram conhecê-lo e cortejá-lo. A exemplo de Baudelaire, em vão tentou ingressar na Academia Francesa. Não obteve nenhum voto. Mas foi eleito “príncipe dos poetas”, em concurso promovido pelo *Le Journal*, após a morte de Leconte de Lille, tendo vencido concorrentes como José Maria Heredia, Sully Prudhomme e Stéphane Mallarmé. Morou em sucessivos domicílios, entre períodos de internamentos hospitalares, alternando entre a companhia da disciplinadora e feia Eugénie e da depravada e afetuosa Philomène. Ambas o ajudavam nos trâmites de entrega de textos aos editores e recebimento dos parcos honorários, que não lhe bastavam para a sobrevivência material. François Copée, Edmond Lepelletier e o Conde de Montesquiou, generosos amigos, contribuíam para completar-lhe os recursos necessários ao pagamento de sua moradia. Houve fases em que passou dias sem residência alguma, pernoitando na casa de amigos, numa

itinerância insana, passando frio e fome, em precárias condições de saúde. Morou em três endereços na *rue Descartes*, próximo ao Panthéon, a saber, no número 18, (*hôtel Montpellier*) com Philomène; no número 15, com Eugénie, e, finalmente, no nr. 39, também na companhia dessa segunda musa, que assistiu-lhe a agonia final no dia no dia 7 de janeiro de 1896. Há, neste último local, placa indicativa de que ali viveu e morreu o poeta. Outra placa indica que ali também morou, já no século XX, o escritor Ernest Hemingway. No térreo, há atualmente o restaurante *La Maison de Verlaine*, cujo garçom, ao ser por mim interpelado, informou que o poeta havia ocupado apartamento no segundo andar do prédio. Os biógrafos, porém, afirmam que foi no quarto andar.

Tão auspiciosa foi essa visita, que na esquina seguinte, depois de fotografar a fachada do edifício, quando me concentrava, cabisbaixo, para estudar os mapas da cidade, uma simpática senhora, mui gentilmente ofereceu-se para prestar-me informações. Ficou surpresa e contente de saber que eu buscava a casa dos poetas e disse residir em local próximo a uma casa que onde viveu Balzac.

Paris tem hoje outra fisionomia. Mudaram-se os hábitos e o ritmo da vida. O prefeito Haussman demoliu e reconstruiu muita coisa, já naquela segunda metade do século XIX, abrindo grandes avenidas e modificando a fachada de muitos prédios. Mas tenho a sensação de que, apesar das mudanças, há ainda, naquelas ruas, algum resquício dos poetas que ali andaram e viveram.